

Revist@



Federação Espírita
do Estado de Sergipe



MARÇO 2020 | VOL. 2

SER...
MULHER

Sumário

A participação da mulher da implantação do Cristianismo.....	03
Editorial.....	04
Marlene Nobre, mulher de luta no movimento médico espírita.....	07
A mulher e seu papel no espiritismo.....	08
Atividade Interativa.....	09
Minha experiência como mulher magistrada e espírita.....	10
Evangelho: o que ele me convida?.....	13
Os maus filhos são uma provação para os pais.....	14
Liberdade e responsabilidade: uma visão jurídico-espírita.....	15
A mulher espírita.....	17
Mulher, arte e espiritismo.....	19
O sentimento feminino.....	20
A mulher e seu papel no espiritismo.....	21

Contato para qualquer dúvida ou contribuição para a Revista Digital da Fees:

E-mail: revistafees@gmail.com

Equipe de Comunicação da Federação Espírita do Estado de Sergipe.

3 A participação da mulher da implantação do Cristianismo

“Na época da passagem de Jesus sobre a Terra, as mulheres judaicas, eram respeitadas pelos hebreus como em poucos países daquela época.

Eram vistas com funções muito diferentes das do homem e assim suas atribuições eram exclusivamente com a família, seus horários eram para o marido e os filhos, ficavam dispensadas do culto e da frequência aos tempos.

Era crença geral que, se as mulheres participassem do culto, iriam distrair os homens, e estes não conseguiriam orar adequadamente.

No século III, Tertuliano defendia que a mulher cometera o primeiro pecado e seduziu o homem a acompanhá-la, portanto era fruto do pecado e estava voltada ao mal.

Santo Agostinho, um dos pais da Igreja, defendia a tese de que a mulher fora feita exclusivamente para a procriação e este era o seu papel principal. Que ela, cuidando da prole e amparando seu marido, já realizava o suficiente, não devendo exigir dela qualquer cooperação religiosa.

Algumas correntes religiosas da época defendiam que Jesus, sendo homem, não teria muita aproximação com mulheres, devendo estar mais próximo dos homens.

Quando o Cristianismo rompeu as fronteiras judaicas, espalhando-se por outros países, os cristãos judeus encontraram povos pagãos que adoravam deusas, e, assim, o Cristianismo para conquistar aqueles povos, fez algumas adaptações, permitindo que as mulheres pudessem participar dos templos, sem função ativa, e deveriam ser obrigatoriamente virgens, pois se já houvessem praticado sexo eram impuras e inabilitadas para o credo religioso.

Não era permitido às mulheres sair às ruas e se manifestarem por alguma causa que advogavam, sendo suas funções restritas no lar, repetimos.

Jesus, porém, rompe esses paradigmas, modificando a condição da mulher. Durante seu ministério de amor, está sempre cercado de mulheres, algumas buscando ajuda para si mesmas, outras por seus familiares e muitas por sentirem que a mensagem divina penetrava em seus corações.

Inúmeras são pessoas anônimas que a história não registrou, outras, a ‘crônica do além’, através de médiuns psicógrafos, tiveram registradas suas atividades.

(...)

Poderíamos continuar descrevendo várias mulheres que atuaram com entrega total à Boa Nova, mas este artigo poderia tornar-se muito longo.

Queremos ainda ressaltar que, no momento da cruz, foram as mulheres que acompanharam Jesus no seu calvário. Estavam com Jesus, além de sua mãe, algumas mulheres, piedosas, dentre as quais podemos destacar:

Maria Madalena, a convertida, que acompanhou Jesus e depois foi cuidar de leprosos nas proximidades de Jerusalém, sendo-lhe fiel até a morte, vítima do mal de Hansen;

Salomé, mãe dos apóstolos João e Tiago, deixa-se martirizar em Roma, no ano de 68 da era cristã, sendo um exemplo de amor, e quando o verdugo lhe pergunta se Jesus somente a ensinou a morrer, ela contesta: ‘Não apenas a morrer, mas também a amar.’

Também esteve com Maria, na hora da dor infinita, uma mulher chamada Verônica que, em algumas traições, chama-se Berenice, e que, no momento do calvário, teria cedido seu véu para secar o suor de Jesus, que teve a imagem do seu rosto impregnada naquele tecido. Verônica é a mesma mulher que sofria de sangramento de hemorroidas e que, num ato de fé e coragem, foi curada por Jesus.

Amélia Rodrigues nos fala que a mulher adúltera (ver capítulo Encontro e Reparação, do livro Pelos Caminhos de Jesus), depois de atendida pelo Mestre, renovada, montou uma casa de assistência aos necessitados na região de Tiro, transformando aquela humilde residência em um foco de luz a iluminar as pessoas de toda aquela região.

Léon Tolstói, pela psicografia de Cirinéia Iolanda Maffei, nos traz um livro sobre o título Mulheres Fascinantes, no qual nos narra histórias de várias mulheres anônimas que, ao influxo da vibração do Mestre, transformaram suas vidas e atuaram decisivamente nas comunidades em que viveram, esparzindo as luzes do Evangelho.

Ao finalizar este artigo, queremos enaltecer o papel das mulheres na divulgação e, principalmente, na fixação do Evangelho nas mentes e nos comportamentos de seus familiares e amigos. Por sua sensibilidade, a mulher se transformou em um veículo extraordinário para a expansão e implantação da Boa Nova na Terra”. (Mulheres, Cristianismo e Espiritismo. Anuário Espírita 2015, Editora Ide, José Eurípedes Garcia, páginas 75/76 e 89/90)

O papel da mulher na sociedade moderna segundo o Espiritismo

Cristian Paula Santana dos Santos França

(psicóloga clínica e políticas públicas, especializada em violência)

Lívia Alves de Oliveira Cruz Souza

(psicóloga Clínica especializada em transtornos mentais)

Introdução

O presente artigo visa contribuir para uma compreensão mais ampla e simplificada do papel da mulher na sociedade moderna segundo a visão espírita. Sua contribuição social perpassa por vários modelos que vão se diferenciando a partir da necessidade histórica no momento, assim como diante da luta por direitos iguais de gênero (que trazem dignidade, respeito, liberdade e humanidade à mulher).

Atualmente, as atribuições das mulheres são inúmeras e até mesmo maiores do que eram no passado, aumentando sua responsabilidade com o desenvolvimento social, familiar, profissional, pessoal e espiritual. De acordo com O Livro dos Espíritos (2010), seu papel na sociedade é de igual importância aos homens ou até maior por ter a missão de gerar, acolher, proteger e orientar novos seres nesse planeta de prova e expiação. Incumbência esta, muitas vezes, árdua diante de uma sociedade atrasada moralmente.

Fundamentação teórica

Segundo O Livro dos Espíritos (2010), faz-se necessária a encarnação, tanto no corpo feminino quanto no corpo masculino, desempenhando seus respectivos papéis, para o espírito avançar na fenda do progresso rumo a Deus. No que diz respeito ao papel da mulher na sociedade, Léon Denis (2008) traz a importância da mulher em suas várias funções, seja como esposa, irmã ou mãe, como conselheira carinhosa para preparar o ser em desenvolvimento de uma forma mais humana e consciente, sem perder a essência divina.

Contudo, em pleno século XXI, a imagem da mulher ainda é degradada, desqualificada e desvalorizada, de modo que ela é desrespeitada e desonrada, sendo vista como um mero objeto sexual, um ser frágil, sem valor, sem voz, incapaz de exercer um papel de representatividade na sociedade (CARNEIRO, 2019).

Atualmente, essa deturpação da imagem feminina ainda se faz presente, mesmo que de forma mascarada, através de propagandas que supervalorizam apenas o corpo da mulher, minimizando sua integralidade; da disparidade salarial; da violência moral, psicológica e física; assim como, através da distinção entre inúmeros preconceitos em relação ao gênero.



Conforme a questão 818 do Livro dos Espíritos (2010), o império injusto e cruel que os homens criaram sobre a mulher, resulta das instituições sociais e, sobretudo, do abuso da força física masculina, compreendendo a sociedade como pouco avançada, do ponto de vista moral, em que a força faz o direito.

Diante do exposto, faz-se necessária a criação de inúmeros movimentos de valorização da mulher, como o movimento feminista, a Lei Maria da Penha, entre outros, a fim de desconstruir a imagem caótica da figura feminina criada ao longo dos tempos pelos homens e alimentada, muitas vezes, pelas próprias mulheres, de forma inconsciente, por serem produtos do meio e desconhecerem o seu potencial diante da missão a que foi designada neste planeta.

Porém, é possível notar que tal imagem vem sendo desconstruída, na medida em que a evolução das mulheres tem se apresentado imponente, quebrando barreiras e enfrentando os desafios que a limitam e lhe são impostos pela sociedade. Segundo o historiador Leandro Karnal (2017), historicamente, as conquistas das mulheres nunca foram frutos da boa vontade da figura masculina, mas, sim, oriundas da pressão feminina, a partir da explosão de movimentos que mudaram o curso do papel da mulher na sociedade.

Durante a Segunda Guerra Mundial, as mulheres foram chamadas para auxiliar nas indústrias, com o objetivo de preencher a falta dos homens que estavam nas guerras, e para auxiliar no sustento da família. Mas o que lhes chamou a atenção, foi que elas descobriram o prazer em realizar atividades diferentes das quais eram designadas desde o seu nascimento, assim como perceberam que tinham capacidade de ganhar e gerir seu próprio dinheiro. Nesse momento, elas reconhecem que são capazes de prover seu sustento e de sua família, não sendo necessário ficarem submissas ao casamento, passando a lutar pelo reconhecimento de direitos iguais (KARNAL, 2017).

O espírito não tem sexo, conforme citado por Allan Kardec, na questão 202 do O Livro dos Espíritos (2010). Desse modo, não deve existir diferenciação de gênero, uma vez que todos os seres humanos merecem respeito, cuidado e dignidade. Todas as questões que norteiam o respeito e a igualdade de gênero, já são compreendidas nos mandamentos de Deus, instituídas na Constituição Federal do Brasil e recebem a atenção da Organização das Nações Unidas (ONU), entre outras instituições de valorização da vida. Dessa forma, a deturpação da figura feminina é uma afronta às leis que igualam os seres humanos e valorizam a vida, além de andar na contra mão das Leis Divinas.

Na medida em que a mulher tem sua potencialidade diminuída, desrespeitada e desonrada, as famílias são enfraquecidas e, conseqüentemente, também a sociedade fica fragilizada, uma vez que a organização da mesma se torna incompleta, desequilibrada e injusta, conforme O Evangelho Segundo o Espiritismo (1994). Esta mesma obra pontua que a mulher tem funções tão importantes quanto às deferidas ao homem ou até mais por possuir a capacidade de gerar um ser e dar as primeiras noções de vida para ele.



Nesse contexto, a maternidade é reconhecida como uma das missões mais sublimes concedidas à mulher, pois ela nutre em seu ventre um ser divino. Todavia, por falta de orientação e autoconhecimento, esse poder é utilizado, em alguns momentos, de forma precária ou indevida, gerando danos incalculáveis à sociedade, além de se desviar da missão à qual se comprometeu na vida terrena (TORCHI, 2014)

Pesquisas recentes demonstram o impacto da gestação e do referencial de uma mãe e de um pai no desenvolvimento biosociopsicoespiritual de um ser em crescimento. Partindo do princípio de que a mulher vem com a função especial de gerar um indivíduo em seu ventre e que tudo que a mobiliza passa para a criança desde a concepção até o nascimento, afetando, dessa forma, o resto do seu desenvolvimento e suas relações, compreende-se que, a sociedade, desse modo, acaba sendo afetada, bem como as futuras gerações (OLIVEIRA, 2007).

É de suma importância ressaltar que o impacto social causado pelo nível de estresse elevado na gestação chega a acarretar um acréscimo no número de pessoas com possíveis transtornos psicológicos no futuro e, conseqüentemente, pode gerar risco de vulnerabilidade socioeconômica, podendo causar para o Estado despesas voltadas para a garantia dos direitos fundamentais do indivíduo (ALVES & RODRIGUES, 2010).

Consolidando os ensinamentos de Jesus, Allan Kardec (2010) trouxe à tona o valor da mulher sob a ótica espírita e chama a atenção para o princípio da igualdade na Lei da Natureza, tendo em vista o papel que cada um exerce em seu processo evolutivo, reconhecendo que a desigualdade existente entre homem e mulher é de “função” e não de “direitos”, a exemplo da licença maternidade e da força física, por motivos óbvios.

Desse modo, é possível verificar que a cada dia as mulheres conquistam cada vez mais seu espaço na sociedade, desenvolvendo uma voz mais ativa no âmbito familiar, social e profissional, tornando-se além de mães, representantes no poder executivo, líderes religiosas, entre outras funções que antes eram delegadas preferencialmente aos homens. Contudo, apesar das melhorias, não podemos esquecer que existe ainda um percurso a ser trilhado, quando se trata de aprender a respeitar o outro (CURY, 2012). Diante desses avanços, a mulher está sendo sucumbida pela demanda de novas atribuições e costumes, que as tornam vítimas de suas constantes buscas, esquecendo-se do compromisso assumido com a espiritualidade, como já foi dito anteriormente.

É válido ressaltar que homens e mulheres nasceram com funções distintas, porém complementares (DENIS, 2008). A sensibilidade que é uma característica inerente à mulher, porém, também deve ser cultivada pelos homens, e não reprimida. Sendo assim, ao reencarnarmos independentemente se em corpos masculinos ou femininos, devemos aperfeiçoar o que há de melhor nos seres humanos, a exemplo de características, como: sensibilidade, força, coragem, confiança, fé e perseverança, mesmo diante do contexto atual, em que a concorrência está cada vez mais acirrada, e que se vive em um momento no qual qualquer tipo de demonstração de afeto é sinal de fraqueza e vergonha (DENIS apud TORCHI, 2014).

Na doutrina espírita, Léon Denis (2008) destaca a figura feminina como mediadora, fonte de vida e regeneradora da humanidade, que é renovada por seu amor e por seus ternos cuidados. Ela por sua vez, personifica em si profundas intuições, percepções sutis e uma sensibilidade que desempenha um papel de grande relevância na humanidade.

Partindo do pressuposto de que a mulher tem se desenvolvido cada vez mais na vida profissional, pessoal, social, familiar, espiritual ou em qualquer ramo do saber, como consequência natural da liberdade e da dignidade, é de suma importância que a mulher não deva descuidar de seu posto de guardiã da família e da tarefa de conduzir almas ao seu renascimento físico (VIEIRA, 1991).

Decerto que a emancipação das mulheres acarreta maiores responsabilidades, submetendo-as a desgastantes jornadas de trabalho, em detrimento de conciliar, com bom senso, suas atividades profissionais com o papel de mãe, dona de casa e esposa, dentre outros papéis adquiridos por elas na sociedade. Sendo assim, tal fato merece o apoio não só de leis que a amparem em suas necessidades específicas, como também, terem suas responsabilidades domésticas e familiares divididas pelo casal (TORCHI, 2014).

É válido ressaltar que perante as leis de Deus, não devem acontecer privilégios ou falsa superioridade em relação à mulher, pois Ele deu a ambos a inteligência e a faculdade de progredir rumo à evolução da civilização. Nesse sentido, os abusos cometidos pelos homens estão ligados à falta de sentimentos mais nobres e do desconhecimento das leis espirituais em especial da lei da reencarnação (KARDEC, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a complexidade do tema, o conhecimento à luz do espiritismo, de forma bela, envolve a imagem da mulher em um elo de força e ternura, reconhecendo-a como um ser forte, imponente, capaz de promover mudanças significativas em uma sociedade moralmente atrasada, que passa por um processo evolutivo de prova e expiação. Ou seja, reconhece a mulher como um ser que merece respeito diante de uma missão tão enigmática.

Nesse sentido, o espiritismo assevera a importância de valorizar a mulher, pois uma sociedade que honra e respeita suas mulheres, aumenta as chances de unir e elevar moralmente a família e a sociedade, rumo ao progresso da civilização de uma forma mais amorosa, respeitável e digna.



Nesse contexto, segundo o espiritismo, o papel da mulher na sociedade moderna é múltiplo e de grande responsabilidade, pois ela é eleita como a guardiã da família, provedora da passagem de novas almas a vida terrestre, através do seu ventre, condutora de seres em desenvolvimento, além de servir como fonte de inspiração para o progresso da humanidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, Ana Alexandra Marinho; RODRIGUES, Nuno Filipe Reis. Determinantes Sociais e econômicos da Saúde Mental. Revista Portuguesa de Saúde Pública, v.28 n.2, Lisboa, Dezembro, 2010. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-90252010000200003. Acesso em: 23 de Fev. de 2020.

CARNEIRO, Yanna J. Misoginia: você sabe o que é?. Politize. 2019. Disponível em: <https://www.google.com.br/amp/s/www.politize.com.br/misoginia/amp/>. Acessado em 23 de fev. 2020.

CURY, Antônio Moris. O Papel da Mulher. Federação Espírita do Paraná. 2012. Disponível em: <http://www.mundoespirita.com.br/?materia=o-papel-da-mulher>. Acessado em: 23 de Fev. de 2020.

DENIS, Léon. O problema do ser, do destino e da dor. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Tradução de salvador Gentile. 177. ed. São Paulo: IDE, 1994.

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

KARNAL, Leandro. Protagonismo da Mulher na Sociedade: Feminismo e Misoginia. Youtube. 8 de mar de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pze2mum7FEw>. Acesso em 20 de Fev. de 2020.

OLIVEIRA, Norma Alves de. Curso de Formação em Terapia e Psicologia Transpessoal. Palestra, 2020.

THORCHI, Cristiano. A Mulher na Concepção Espírita. FEMS - Federação Espírita de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 2020. Disponível em: <https://fems.org.br/Registro.aspx?id=20141102075735&Tipo=artigos>. Acesso em: 20 Fev. 2020.

VIEIRA, Waldo. Conduta Espírita. Pelo Espírito André Luiz. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.



Marlene Nobre, mulher de luta no movimento médico espírita

No mês de março, comemoramos o mês da mulher na luta pela transformação do mundo. Mulheres que, sem ou com filhos nos braços, desafiam o que está estabelecido, ampliam os horizontes em busca da evolução e da felicidade. Em posse de uma força maior, seguem insistindo na necessidade das mudanças que acreditam serem necessárias para tornar melhor a vida das pessoas e da coletividade. Como exemplo de mulher de luta no movimento médico-espírita, temos a doutora Marlene Nobre, que acumulou os papéis de mãe, esposa, médica e pilar do movimento médico-espírita, trazendo à luz a necessidade de estudar o Espiritismo e a relação entre saúde e espiritualidade.

Em entrevista concedida ao portal espírita em 2010, ela falou de sua trajetória e luta, apresentando-se assim: "Sou Marlene Rossi Severino Nobre. Nasci em Severínia, interior do Estado de São Paulo, em 1937, filha de pais espíritas. Casei-me com Freitas Nobre em maio de 1964. Tivemos dois filhos: Marcos e Marcelo. Uma filha pelo coração, minha norinha, dois netinhos...". Desencarnou em 5 de janeiro de 2015, no litoral paulista < <https://www.febnet.org.br>>.

Foi um dos membros responsáveis pela fundação da Associação Médica Espírita do Brasil (AME Brasil) e da Associação Médica Espírita Internacional.

Realizou um trabalho esplêndido como divulgadora, no Brasil e em vários países, dos estudos que tratam do Espiritismo e da interface entre a Medicina e o Espiritismo. Além de inúmeras palestras e artigos em jornais e revistas espíritas, escreveu vários livros como autora e coautora, dentre os quais, citamos: "A Mulher na Dimensão Espírita" (1975); "A Obsessão e Suas Máscaras" (1997); "Lições de Sabedoria" (1997); "Nossa Vida no Além" (1998); "O Dom da Mediunidade" (2007); "O Passe Como Cura Magnética" (2010); "À Luz do Eterno Recomeço" (2011); "O Clamor da Vida" (2012); "Não Será em 2012" (2012); "Chico Xavier – Meus Pedacos do Espelho" (2015); e "A Alma da Matéria" (2017).

O livro "A Mulher na Dimensão Espírita", em coautoria com Jaci Régis e Nancy Girolamo, publicado em 1975, proclamado pelas Nações Unidas como o Ano Internacional da Mulher, expõe que "Deus cria simplesmente espíritos que, na sua evolução, pelo esforço próprio, se purificam e aprendem, reencarnando como homem ou como mulher. O Mestre ensinou também que "a cada um é dado segundo suas obras", em Mateus, 16:27", e com base nesta afirmação bíblica e nos textos de Allan Kardec, explica por que tudo que fazemos ao nosso semelhante, de bom ou de mau, recebemos de volta.

Assim, os padrões abusivos e opressivos de um espírito encarnado sobre o outro serão resolvidos pela lei do carma, de causa e efeito, e de ação e reação.

Passados 40 anos, essa obra ainda é atual, porque, apesar dos avanços na inserção das mulheres no mercado de trabalho e do fato de muitas adquirirem autonomia e independência, ainda é significativo o número das que são lesadas nos seus direitos e aspirações, pela incompreensão, intolerância, abuso e, em casos extremos, feminicídio, que deixam marcas no corpo físico, mental e espiritual.

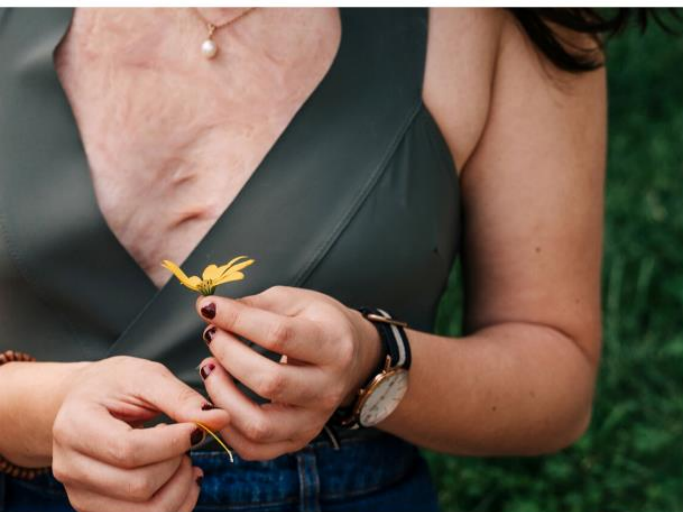
Neste março de 2020, a AME Sergipe homenageia e agradece à doutora Marlene Nobre, mulher que nos legou mais do que obras escritas, deixou o exemplo de luta a caminho da luz, usando os ensinamentos bíblicos deixados pelo Mestre Jesus, pela obra codificada de Allan Kardec e pela obra psicografada por Francisco Candido Xavier.

ROSA AMÉLIA ANDRADE DANTAS*

*DOUTORA EM SAÚDE PÚBLICA/UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E POS-DOUTORA/UNIVERSIDADE DE COIMBRA. PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA ESPÍRITA DE SERGIPE.

A mulher e seu papel no Espiritismo

SALETE FERNANDES - EQUIPE DE COORDENAÇÃO DA UNIFICAÇÃO DA FEES



Kardec afirmou que os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres porque não têm sexo. Isso acontece com a finalidade de progredirmos em tudo, passando por provações e deveres especiais referentes a cada sexo. Portanto, é indispensável que ora estejamos em corpo feminino e ora em corpo masculino.

No Livro dos Espíritos, na questão 821, Kardec interroga: *“As funções a que a mulher é destinada pela Natureza terão importância tão grande quanto as deferidas aos homens?”* E a resposta: *“Sim, maior até. É ela quem dá as primeiras noções da vida”*.

Cabe à mulher preparar o ser humano para o futuro, mesmo nos tempos de hoje, em que a mulher contribui ou até é a responsável pelo sustento da família.



Aristóteles afirmou que *“A grandeza não consiste em receber honras, mas em merecê-las”*. Acreditamos que reencarnar em corpo feminino pode ser por merecimento, até porque Kardec comenta na questão citada acima: *“Deus apropriou a organização de cada ser de acordo com as funções que lhe cumprem desempenhar. Dando à mulher menor força física, deu-lhe, ao mesmo tempo, maior sensibilidade, em relação com a delicadeza das funções maternas e com a fraqueza dos seres confiados aos seus cuidados.*



Percebemos como é sublime a função da mulher. E é com a sensibilidade e a delicadeza própria das mulheres e sabendo da necessidade de união e unificação diagnosticada pelos primeiros adeptos do Espiritismo que conduzimos a Coordenadoria de Unificação. Com paz, amor e alegria, vamos buscando atingir os nossos objetivos inspirados em Bezerra de Menezes, quando nos disse pela psicografia de Chico Xavier: *“Solidários, seremos união. Separados uns dos outros, seremos pontos de vista. Juntos, alcançaremos a realização de nossos propósitos.”*

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Por Adenilson Alves

Da maneira como são mortos os animais que comemos (por exemplo: bois, galinhas, porcos, entre outros), vemos que é uma grande tortura. Por isso, existem grupos vegetarianos e veganos. O que recomenda a doutrina espírita? É errado comer esses animais?

Complete as lacunas com as palavras do retângulo abaixo, nos locais corretos, onde o autor espiritual - Emmanuel - no livro "O Consolador" (psicografia de Chico Xavier) tece comentários com essa linha de pensamento, na questão 129:

PORVIR – VÍCIOS – COLETIVA – VEGETAL – HOMENS – VÍSCERAS – PEÇAS – LASTIMAR – FRIGORÍFICOS – VITAMINAS.

"129 - É um erro alimentar-se o homem com a carne dos irracionais?

- A ingestão das _____ dos animais é um erro de enormes consequências, do qual derivaram numerosos _____ da nutrição humana. É de _____ semelhante situação, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a cooperação de determinadas _____, esse valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem _____, sem a necessidade absoluta dos matadouros e _____. Temos a considerar, porém, a máquina econômica do interesse e da harmonia _____, na qual tantos operários fabricam o seu pão cotidiano. Suas _____ não podem ser destruídas de um dia para o outro, sem perigos graves. Consolemo-nos com a visão do _____, sendo justo trabalharmos, dedicadamente, pelo advento dos tempos novos em que os _____ terrestres poderão dispensar da alimentação os despojos sangrentos de seus irmãos inferiores."

resposta: 1. vísceras 2. vícios
3. lastimar 4. vitaminas 5. vegetal 6. frigoríficos 7. coletiva 8. peças 9. porvir 10. homens



Academia de Letras Espíritas do Estado de Sergipe

MINHA EXPERIÊNCIA COMO MULHER MAGISTRADA E ESPÍRITA

TELMA MARIA SANTOS MACHADO
ACADÊMICA, DIRETORA DE EVENTOS DA ALEESE.

aumento da presença feminina na Justiça Federal'). Ainda pontuaram que, com relação aos fatores que mais contribuem para a baixa representatividade feminina, para 93,66% das respondentes, são a dupla jornada da mulher, e, de acordo com 83,88% das juízas, o fato de as mulheres não serem acompanhadas por seus esposos/companheiros quando têm de se mudar em razão do trabalho".

Segundo a nota técnica elaborada pela Ajufe, a "pesquisa reflete a forte convicção das juízas de que as mulheres preferem, sim, exercer cargo de autoridade, de acordo com 65% das respostas, e de que a carreira é compatível com a sua vida familiar, conforme a opinião de 58,32% das colegas. Entretanto, 81,08% das entrevistadas entendem que a vida pessoal é mais afetada pelo exercício da magistratura que a dos seus colegas homens, o que denota que os influxos entre os espaços público e privado ocorrem reciprocamente".

A Comissão Ajufe¹ Mulheres realizou pesquisa no período de 25 de julho a 29 de agosto de 2017, respondida por 185 magistradas Federais. Alguns resultados são bem denotativos de quanto a mulher na Magistratura ainda precisar conquistar espaço. Embora tal pesquisa tenha sido restrita à área Federal, pode servir de termômetro quanto às demais mulheres juízas.

Relativamente à representatividade feminina, "mais de 86% das respondentes consideram que a representatividade feminina é baixa ('Ainda há muito a fazer') ou razoável ('As coisas estão melhorando, mas ainda temos de trabalhar pelo



Segundo a nota técnica elaborada pela Ajufe, a “pesquisa reflete a forte convicção das juízas de que as mulheres preferem, sim, exercer cargo de autoridade, de acordo com 65% das respostas, e de que a carreira é compatível com a sua vida familiar, conforme a opinião de 58,32% das colegas. Entretanto, 81,08% das entrevistadas entendem que a vida pessoal é mais afetada pelo exercício da magistratura que a dos seus colegas homens, o que denota que os influxos entre os espaços público e privado ocorrem reciprocamente”.

Ingressei na Magistratura Federal da 5ª Região (que abrange os Estados de Alagoas, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe) em fevereiro de 1999, por meio de concurso público. Nesse ponto, é necessário ressaltar que, tanto em Alagoas, onde foi a minha primeira lotação, quanto em Sergipe, para onde pedi remoção meses depois, fui a primeira mulher concursada a entrar em exercício não eventual (ou seja, que não tenha sido como substituição ou auxílio). Isso mostra quão ínfima era a presença feminina na Magistratura Federal.

Nesses recém-completados vinte e um anos de magistrada, no geral, a convivência com colegas e demais Operadores do Direito tem sido respeitosa e gentil, embora tenha havido algumas situações que me levaram a indagar se a atitude do interlocutor seria a mesma caso estivesse diante de um juiz e não de uma juíza. No entanto, jamais me deixei intimidar, e isso não somente se deve à minha natureza de não me furtar a dizer verdades de forma equilibrada, como também, pelo fato de ter crescido em uma família com outras três mulheres, eis que o meu pai morreu quando eu tinha 11 meses de idade, e eu, minha mãe, minha avó e minha irmã percebemos o quanto a nossa sociedade é machista (característica essa que inclusive nós, mães, muitas vezes, reforçamos na criação de nossos filhos). Adquirimos experiência que nos fez saber lidar altivamente com essa questão, algumas vezes de forma suave e outras mais incisivamente, quando necessário.

Para se ter uma ideia de como ao tempo do meu ingresso na Magistratura ainda se estava incrustado na sociedade a figura masculina do juiz (hoje, está um pouco melhor, mas não sei se o episódio que vou relatar não ocorreria da mesma forma), darei um exemplo pueril. A Ajufe promove encontro anual dos seus associados e, em uma dessas oportunidades, fomos a um jantar, acompanhados dos cônjuges, namorados, companheiros, conforme o caso.

Eu e uma colega adentramos com os nossos esposos no restaurante e, ao nos dirigirmos às mesas, um garçom simpático veio ao nosso encontro e, dirigindo-se a eles, disse: "Doutores, queiram me acompanhar com suas esposas até a mesa". Nós, as duas juízas, entreolhamo-nos sorrindo, e fomos nos sentar.

Fatos menos pueris acontecem algumas vezes, mas não enfraquecem a nossa disposição constante de ver que o Direito não é um fim em si, mas um meio de, juntamente à ética, construir uma sociedade mais justa, não se entendendo a Justiça apenas como um ideal, ou como um tema filosófico interessante e sempre atual, e sim, como um compromisso de atuação incansável. Como espírita, tenho consciência do quanto nos será cobrado por eventual omissão ou atitude contrária à lei de Justiça.

As mulheres magistradas, como muitas outras, não desejam nem concorrência, nem supremacia, nem sujeição. Desejam cooperação recíproca, tal como se vê no apelo contido no poema abaixo, da minha autoria:

Equidade, abre as asas sobre nós

Vamos voar juntos.
Só o Céu é o limite
Se o respeito nos trazer
Equidade e um olhar
Que nos fale de esperança,
De um novo amanhecer
Em que o gênero não divide
Não define, não oprime,
Por se nascer mulher.

Nem rainhas nem escravas,
Somos contra rotular.
Nossos sonhos, nossas metas,
Nada têm de concorrência:
Só queremos caminhar,
Passos firmes, frente altiva,
Desbravar o nosso espaço
Definindo os nossos passos
Conduzindo nossas vidas.



"EVANGELHO: O QUE ELE ME CONVIDA?"

– Na obra de salvação –

Portanto, não nos destinou Deus para a ira, mas, sim, para alcançarmos a salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo. (I Tessalonicenses 5:9)

Por que não somos compreendidos?
 Por que motivo a solidão nos invade a existência?
 Por que razões a dificuldade nos cerca?
 Por que tantas sombras e tantas asperezas
 em torno de nossos passos?

E a cada pergunta, feita de nós para nós mesmos, seguem-se, comumente, o desespero e a inconformação, reclamando, sob os raios mortíferos da cólera, as vantagens de que nos sentimos credores.

Declaramo-nos decepcionados com a nossa família, desamparados por nossos amigos, incompreendidos pelos companheiros e até mesmo perseguidos por nossos irmãos.

A intemperança mental carrega para o nosso íntimo os espinhos do desencanto e os desequilíbrios orgânicos inabordáveis, transformando-nos a existência num rosário de queixas preguiçosas e enfermizas .

Isso, porém, acontece porque não fomos designados pelo senhor para o despenhadeiro escuro da ira, e sim para a obra de salvação.

Ninguém restaura um serviço sob as trevas da desordem.
 Ninguém auxilia ferindo sistematicamente, pelo simples prazer de dilacerar.
 Ninguém abençoará as tarefas de cada dia, amaldiçoando-as, ao mesmo tempo.
 Ninguém pode ser simultaneamente amigo e verdugo.

Se tens notícias do Evangelho no mundo de tua alma, prepara-te para ajudar,
 infinitamente...

A Terra é a nossa escola e a nossa oficina.

A Humanidade é a nossa família.

Cada dia é o ensejo bendito de aprender e auxiliar.

Por mais aflitiva que seja a tua situação, ampara sempre, e estarás agindo
 no abençoado serviço de salvação a que o Senhor nos chamou.

OS MAUS FILHOS SÃO UMA PROVAÇÃO PARA OS PAIS

Luciano Paz | Equipe da Coordenação da Família da FEES



No Livro dos Espíritos, Kardec, na pergunta 210, faz o seguinte questionamento aos espíritos:

210. Pelos seus pensamentos e preces podem os pais atrair para o corpo, em formação, do filho um bom Espírito, de preferência a um inferior?

“Não, mas podem melhorar o Espírito do filho que lhes nasceu e está confiado. Esse o dever deles. Os maus filhos são uma provação para os pais.”

Praticamente, todos nós, quando tivemos conhecimento de que seríamos pais, oramos para que nossos filhos fossem saudáveis e bons. E, com certeza, nossa oração teve duas intenções distintas. A primeira, para que sendo saudáveis e bons, nossos filhos tivessem uma vida “normal” e sem maiores dificuldades. A segunda, mais egoística um pouco, foi pensando em nós, que não gostaríamos de passar pelo trabalho de receber filhos com problemas físicos ou de comportamento.

A chave do “problema” está nessa palavra, trabalho. A vida em família não é fruto do acaso, mas procede de um planejamento minucioso da

espiritualidade de forma que tenhamos as forças e as oportunidades necessárias ao nosso desenvolvimento. Todos nós espíritas acreditamos nisso, mas, quando somos nós os chamados ao trabalho, a coisa é diferente.

Precisamos apagar da mente a ideia de que a vida é um conto de fadas e que trabalhar, aqui visto como toda a atividade útil, e não somente a remunerada, seja um castigo. Ninguém, neste mundo, vai viver feliz para sempre, entretanto, se viver bem, será feliz na eternidade. Também não há ninguém aqui na Terra que esteja isento do trabalho para sua melhora e do seu próximo. Esse é o nosso maior desafio.

Se entendêssemos realmente o ensino do Cristo, saberíamos que os grandes desafios são dados aos melhores trabalhadores e que felizes são aqueles os quais podem estar diante da luta por toda uma vida. Esse é o desafio dos pais que recebem no seio de suas famílias filhos difíceis. São chamados a educar espíritos mais rebeldes.

Tem que dar mais atenção, mais amor e carinho. Ter mais paciência, tolerância e resignação.

O espírito Lacordaire, no capítulo V do Evangelho Segundo o Espiritismo, nos diz: *“Alegrai-vos quando Deus vos enviar para a luta. Não consiste esta no fogo da batalha, mas nos amargores da vida...”*. Não a luta da divergência, mas a luta pela conciliação. Não a luta da intolerância, da revolta, dos murmúrios, mas a luta para que prevaleça a lei de amor.

Pedir que oremos por receber espíritos trabalhadores em nossos lares seria imaginar que, finalmente, houvéssimos entendido a mensagem de Jesus, o que, infelizmente, não é verdade ainda, mas que, pelo menos, tenhamos o entendimento e a alegria de que fomos escolhidos para uma missão divina e que a ela devemos nos dedicar com todo o ardor.

As dificuldades de hoje se transformarão nas glórias do futuro. O último mandamento dado por Jesus foi um pedido para que nos amássemos uns aos outros, pois, assim, seriam conhecidos seus discípulos. E para que pudéssemos praticá-lo de forma mais leve e afetuosa, Deus nos deu a família, essa minúscula sociedade que põe à prova nossas virtudes e nossas forças a todo o momento. Aproveitemos, portanto, tão digna oportunidade de demonstrarmos que já aprendemos um pouco da lição de Jesus e sigamos confiantes na sua justiça.



ASSOCIAÇÃO JURÍDICO-ESPÍRITA
DO ESTADO DE SERGIPE

LIBERDADE E RESPONSABILIDADE: UMA VISÃO JURÍDICO-ESPÍRITA

TATIANE GONÇALVES MIRANDA GOLDHAR

A lei de liberdade é uma lei divina que, dada sua complexidade de compreensão, merece a nossa atenção e estudo no movimento espírita, pois nem sempre é fácil de vivenciá-la na prática.

Quando analisamos essa lei à luz dos ensinamentos jurídicos, aí a compreensão fica ainda mais sofisticada. Vejamos.

Na Constituição Federal de 1988, a liberdade aparece logo no preâmbulo, de valor simbólico, mas fundamental para compreensão da importância desse direito à nação brasileira. O Estado, por ser democrático e de Direito, deve garantir a todos a liberdade como uma conquista da própria democracia. Já o art. 5º, que trata dos direitos fundamentais, consagra a liberdade e, mais especificamente, a liberdade de consciência e religiosa como direitos invioláveis, assim como a liberdade de associação, que já foi impedida durante a Ditadura Militar. Regula, ainda, a liberdade de bens, de locomoção, de convivência familiar e de imprensa, assim como a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber... enfim, são 17 menções da liberdade na nossa Carta Constitucional.

Definitivamente, a liberdade é um valor de alcance histórico, a partir do qual não podemos tolerar qualquer retrocesso.

Mas como podemos exercer a liberdade plena em um país democrático? O exercício pleno seria absoluto? Existem limites para a liberdade individual?

Nesse ponto, é essencial compreender como a Doutrina Espírita trata da liberdade e do seu exercício. Neste breve ensaio, vamos analisar apenas os quatro primeiros itens que inauguram o tema no Livro dos Espíritos.

Na questão 825 do LE, informa a espiritualidade que o homem não pode gozar de liberdade absoluta, pois *“todos precisam uns dos outros, assim os pequenos como os grandes”*, inaugurando aí a **ideia de reciprocidade** como um **limite ao exercício desse direito fundamental**. Na questão 826, a espiritualidade esclarece ainda mais, ao afirmar que, só no deserto, seria possível ao homem gozar de liberdade absoluta, afinal, *“desde que juntos estejam dois homens, há entre eles direitos recíprocos que lhes cumprem respeitar”*. Adiante, na questão 827, pergunta Kardec: *“A obrigação de respeitar os direitos alheios tira ao homem o de pertencer-se a si mesmo?”* e os espíritos respondem que *“o direito de liberdade é um direito natural”*, portanto, insito a todos nós desde nascença.

Desse modo, na questão 828, Kardec remete à existência, sobretudo naquela época, de *“opiniões liberais de certos homens”* que costumam exercer a liberdade no seu lar e sobre os seus subordinados com despotismo, ou seja, autoritarismo. E os espíritos respondem que *“eles têm a compreensão da lei natural, mas contrabalançada pelo orgulho e pelo egoísmo. Quando não representam calculadamente uma comédia, sustentando princípios liberais, compreendem como as coisas devem ser, mas não as fazem assim”*.



Já aqui, os espíritos esclarecem que o exercício da liberdade por nós, infelizmente, está comprometido pelas nossas próprias limitações de compreensão, pelos vícios morais, tais como o orgulho e o egoísmo, que tentam nos colocar acima de outros irmãos em igual jornada evolutiva ascensional.

É isso que se confirma no item “a” da mesma questão, quando a espiritualidade nos informa que, “quanto mais inteligência tem o homem para compreender um princípio, tanto menos escusável é de não aplicá-lo a si mesmo”. Nesse ponto, observamos quão grave é a aquisição da inteligência e do discernimento raciocinado, quando utilizados como um instrumento de opressão da liberdade humana. Nesses casos, sofreremos graves consequências em níveis espiritual e moral por já ter condições de discernir e, mesmo assim, sufocar os instintos mais nobres e humanos para fazer prevalecer ideias egoístas e separatistas, que violam a liberdade dos indivíduos, em qualquer situação social.

É da lei divina que a inteligência - ou seja, a razão - esteja a serviço do bem e do respeito à liberdade humana, como instrumento libertador e jamais escravizante. É por isso que os espíritos disseram que “o homem simples, porém sincero, está mais adiantado no caminho de Deus, do que um que pretenda parecer o que não é”, ou seja, muitas vezes, o menos intelectualizado é mais propenso ao respeito à liberdade do próximo do que o portador de ideias ditas inteligentes. Como Jesus mencionou, “bem aventurados os pobres de espíritos” - referindo-se aos simples e ignorantes - porque não oprimem seu semelhante.

Léon Denis, em sua célebre obra “O problema do ser, do destino e da dor”, adverte-nos que a liberdade e a responsabilidade são correlativas no ser e aumentam com a sua elevação espiritual” (p. 477). Para o autor, a liberdade, assim, é um atributo que se alcança através da maturidade consciencial, ou seja, da evolução do homem enquanto espírito, a partir de várias vivências e conquistas que aprimoram seu livre arbítrio.

O livre arbítrio, por sua vez, só é pleno quando o homem se liberta das paixões e dos vícios morais que turvam seus sentidos.

Dessa forma, podemos concluir que, por ora, a toda a liberdade, corresponde responsabilidades e deveres, de modo que seu limite é o espaço onde inicia a liberdade alheia. Daí, surge a reciprocidade como ideia de convivência fraterna e respeitosa, sendo um dever do homem livre, respeitar a liberdade do seu próximo.

A doutrina espírita nos ensina o exercício da liberdade com responsabilidade, através da lei de causa e efeito, concluindo León Denis que a humanidade se torna mais livre quanto mais consciente for dos seus deveres para com o próximo e de suas potências (p. 484).



A MULHER ESPÍRITA

Telma Maria Santos Machado - Equipe de coordenação de estudos da FEES

Muito antes deste recente e necessário movimento que busca a equidade de gênero, a Doutrina Espírita trouxe inúmeras afirmações no sentido de que o ser humano tem igual valor, inclusive esclarecendo que, como Espíritos eternos, ao longo da nossa caminhada evolutiva, passamos pela experiência de vestir a roupa feminina e masculina em várias encarnações.

Sobre a mulher, na Revista Espírita de 1866, p. 17/18, encontramos a seguinte afirmação, que corrobora a ponderação do parágrafo anterior:

Não existe, pois, diferença entre o homem e a mulher, senão no organismo material, que se aniquila com a morte do corpo; mas quanto ao Espírito, à alma, ao ser essencial, imperecível, ela não existe, porque não há duas espécies de almas. Assim o quis Deus em sua justiça, para todas as suas criaturas. Dando a todas um mesmo princípio, fundou a verdadeira igualdade. A desigualdade só existe temporariamente no grau de adiantamento; mas todas têm direito ao mesmo destino, ao qual cada uma chega por seu trabalho, porque Deus não favoreceu ninguém à custa dos outros.

[...].

Com a Doutrina Espírita, a igualdade da mulher não é mais uma simples teoria especulativa; já não é uma concessão da força à fraqueza, mas um direito fundado nas próprias leis da Natureza. Dando a conhecer essas leis, o Espiritismo abre a era da emancipação legal da mulher, como abre a da igualdade e da fraternidade.

Também no livro *Caminhos de Volta* (Francisco Cândido Xavier, por Espíritos diversos), entre as belas afirmações, destaca-se esta sublime advertência: “Se te encontras na experiência feminina, ante os impositivos da evolução, é natural te compreendas no mesmo nível do homem relativamente à cultura e à inteligência, com a mesma segurança de competência. Mas para a demonstração disso, não busques os pontos de vivência em que a maioria dos homens falhou tantas vezes”.

A mulher espírita é, antes de tudo, uma mulher cristã, que busca o aperfeiçoamento moral e espiritual incessantemente, haurindo-se da luz imperecível do Evangelho de Jesus, que é Roteiro e ao mesmo tempo o Caminho para a Verdade e para a Vida.

Vários ensinamentos e exemplos de Jesus têm a presença de uma mulher, e, considerando o limite de extensão deste artigo, apenas alguns exemplos serão expostos:

1. *Maria, Sua mãe, que jamais duvidou do amor e da misericórdia de Deus, enfrentando perseguições e sofrimentos para dar à luz Aquele que nos trouxe a Luz.*
2. *A mulher samaritana, que no colóquio com Jesus, na Samaria, na cidade de Sicar, ao lado do Poço de Jacó, compreendeu, gradativamente, que Jesus é Senhor (João, 4:11), Profeta (João, 4:19) e Messias (João, 4:25), e essa compreensão gradativa simboliza os seus degraus de evolução quanto ao conhecimento e à aceitação do querido Rabi como o salvador.*
3. *As irmãs Marta e Maria, e o nível de percepção do amor a Jesus. Marta, cujo nome significa “dona de casa”, “protetora do lar”, procurou demonstrar seu amor por meio das esmeradas atividades de anfitriã, não percebendo que o maior interesse de Jesus não era no esmero da casa, mas, sim, que fossem ouvidas as suas lições. Maria compreendeu que o tempo que passamos com Jesus é sempre precioso e, portanto, precisamos conduzir a nossa existência de tal modo que o aprendizado com o Mestre seja prioritário. Daí porque Jesus, que amava as duas igualmente, observou que Maria escolheu a melhor parte, a que não lhe seria tirada. Podemos entender que, quando Jesus diz “a melhor parte”, está valorizando a ação de ambas, mas levando a Marta a lição de que os cuidados ordinários de dona de casa já seriam suficientes e que, assim, lhe sobraria tempo para beber a água límpida das suas palavras, tal como fez Maria.*

A participação das mulheres na Codificação da Doutrina Espírita também deve ser enfatizada, a exemplo das jovens, Julie, Caroline Boudin, Ermance Dufaux e Ruth Japhet, ainda lembrando de Aline Carlotti, médiuns cujos trabalhos devem ser reconhecidos. Também não se pode deixar de revelar tributo a Amélie Gabrielle Boudet, esposa de Kardec, que esteve ao seu lado na consecução da tarefa sagrada que o Espírito da Verdade lhe confiou.

O roteiro da mulher espírita, portanto, passa-se pelas fases das irmãs Marta e Maria, que amavam Jesus, embora demonstrassem em nível de percepção diferente. Precisamos amá-lo servindo-o, mas, para que o sirvamos da forma como Ele merece, precisamos estar aos seus pés, ouvindo as suas lições as quais darão as diretrizes seguras de como agir por Ele e com Ele. Somente dessa maneira, compreenderemos, como Sua mãe e nossa mãe compreendeu, que Deus é soberanamente bom e justo.

E as palavras do festejado escritor francês Victor Marie Hugo (1802-1885) no poema **O homem e a mulher** bem demonstram a destinação da mulher na construção do Reino de Deus:

[...]

O homem é um código;

A mulher é um evangelho.

[...].

**Enfim, o homem está colocado onde
termina a terra;**

A mulher, onde começa o céu.



Tcherena de Amorim - Em nome da Assessoria de Artes e Eventos da FEES



Início com uma citação de Victor Hugo, onde ele diz: “O homem é o cérebro; a mulher, o coração. O cérebro produz a luz; o coração produz o amor. A luz fecunda; o amor ressuscita.”

Quando pensamos no passado e no presente, observamos como a situação da mulher na sociedade mudou. Antes, acreditem, questionavam se tínhamos alma... hoje, o horizonte está alargado e as coisas caminham rumo à evolução da sociedade. Antes, nós, mulheres, não podíamos estudar, não tínhamos direito a voto. Hoje, as conquistas são inúmeras... e grandes mulheres vêm mostrando sua capacidade e o seu valor, corroborando o que nos traz o Livro dos Espíritos, nas questões 820, 821 e 822.

Trazemos, ainda, uma nota de Léon Denis, em O problema do ser, do destino e da dor: “O papel da mulher é imenso na vida dos povos. Irmã, esposa ou mãe, é grande consoladora e a carinhosa conselheira. Pelo filho é seu o porvir e prepara o homem futuro. Por isso, as sociedades que a deprimem, deprimem-se a si mesmas. A mulher respeitada, honrada, de entendimento esclarecido, é que faz a família forte e a sociedade grande, moral e unida!”

Deixo esses trechos para cada leitora e leitor refletir no íntimo sobre o verdadeiro papel da mulher na sociedade e, por conseguinte, no Espiritismo, pois que um não exclui o outro, muito pelo contrário, o papel é, ou pelo menos, deveria ser o mesmo. Emmanuel disse a Chico, certa vez, que a mulher era tão importante e especial, que Deus dava o filho a ela 9 meses antes de dá-lo ao homem. À medida em que a sociedade vai adquirindo essa consciência, homens e mulheres viverão cada vez mais em harmonia.

Muitas mulheres inspiraram e continuam a inspirar o caminho de outras mulheres, com exemplos de força, coragem e, ao mesmo tempo, com a delicadeza feminina. Mulheres que lutam por um mundo melhor, lutam por seus direitos, educam seres humanos. Vivem dignamente o papel de ser mulher, dando sua contribuição e fazendo a diferença na sociedade.

Poderíamos exemplificar com tantos nomes... é até difícil escolher. Algumas das muitas mulheres inspiradoras que trouxeram grandes repercussões positivas para a sociedade foram: Marie Curie, a 1ª mulher laureada com o Prêmio Nobel, sendo que o ganhou duas vezes; Nise da Silveira, psiquiatra brasileira que lutou contra os tratamentos psiquiátricos agressivos; Irena Sendler, assistente social, auxiliou as pessoas que viviam em más condições de vida durante a segunda guerra mundial; Zilda Arns diminuiu os índices de mortalidade infantil com a criação da Pastoral da Criança, dando-nos a fórmula do soro caseiro; Komako Kimura, esta mulher sufragista lutou pelo direito das mulheres ao voto e participou também da marcha realizada em Nova York; Bertha Von Suttner foi a primeira mulher ativista a receber um Nobel da Paz e, mais atualmente, Malala, ativista paquistanesa, é a pessoa mais jovem da história que recebeu o Prêmio Nobel da Paz, defendia publicamente o direito à educação para as meninas.

Mas nossa homenagem vai para a primeira artista do Espiritismo. Trata-se de Amélie - Gabrielle Boudet (“Madame Kardec”), como representante feminina para finalizarmos este artigo sobre a importância da mulher no Espiritismo e, claro, puxando a “sardinha” para nós, artistas. Ela teve contato com várias das línguas universais de arte: música, pintura, dança, artesanato, além da literatura, por influência de sua mãe e avó materna. Suas obras literárias foram incluídas no sistema de ensino Pestalozziano. Observou, juntou a Kardec, que a Revista Espírita poderia ser o grande veículo de comunicação para propagar os relatos das visitas de artistas espirituais. Assim, as revistas espíritas enriqueceram-se de artigos sobre artes. Amélie sofreu assédio moral após a morte de Kardec. Havia grande resistência do grupo dos espíritas sincretistas, em torno de Leymarie, em aceitar suas opiniões por ela ser mulher, empreendedora, artista e também uma espírita já de idade. Mas conseguiu deixar muitas realizações espíritas. Fundou a respeitável Sociedade Anônima e, anos mais tarde, inaugurou outra Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec. Pode-se afirmar, sem receios, que ela foi pioneira na organização e valorização do que hoje conhecemos por Comunicação Social Espírita. Era muito inteligente, lúcida e ativa. (Notas do pesquisador Adriano Calsone – autor do livro Madame Kardec: a história que o tempo quase apagou).

Para você, mulher e artista espírita: voe, voe alto! Liberte-se através de sua arte, uma arte sublime que traz crescimento, evolução, cura e amor! Sinta a arte espírita em seu coração! Para você, homem e artista espírita: auxilie, através da arte, para que alcancemos o equilíbrio tão necessário a nossa sociedade e, assim, vivermos finalmente com o respeito mútuo entre homens e mulheres. Gratidão!



O sentimento feminino

Algumas metáforas bíblicas ainda são reproduzidas em silencioso contexto das experiências que nos cercam, evocando efeitos ensurdecedores nos corações que ainda insistem em não reconhecer a equidade de gênero e a isonomia de direitos, acumulando experiências milenares sem projetar no pensamento que o espírito desenvolve o animus e o anima, sem produzir qualquer predominância arbitrária, mas, ao contrário, buscando o perfeito equilíbrio em suas nascentes.

Todos os espíritos são criados "simples e ignorantes", superando os seus instintos em romagens múltiplas, nos processos reencarnatórios, que facilitam a ascensão em espiral e sempre continuam, e é assim que projeta o espiritismo, luminosidade sobre a matéria, alinhando a necessidade de vestirmos corpos ora masculinos, ora femininos, para galgarmos novos "céus".

As ligações de corpos emanam de experiências necessárias e afeições prolongadas que nada possuem de esquadramento com a estreiteza material da identidade do gênero em que transitamos,

as ligações verdadeiras são formadas pelos sistemas da "aldeia" vibratória que alongamos por nossas existências.

Na mulher, concentram-se as mãos laboriosas do Evangelho, como Marta a buscar espaços de penetração no mundo, vivendo em harmonia com a sua realidade e experiência na horizontalidade da matéria e também o coração de Maria, alinhado perfeitamente com a espiritualidade, em verticalidade maior, seguindo as lindeiras do Cristo em rota deixada por seus ensinamos.

Foi a Madalena, fortaleza que fez surgir flores na "casa em ruínas", que Jesus apresenta a lição primeira da imortalidade; foi nos olhos da mulher samaritana que o Mestre ensinou a mais pura lição de sobrevivência do espírito e da profundidade do coração, em que Ele quer morada e foi no símbolo da mulher hemorroíssa que emergiu o mais belo exemplo de coragem e fé, vencendo multidões, hoje representadas por preconceitos e desequilíbrio do direito, que Jesus demonstra a luta diária que devemos travar contra tudo que representa a desigualdade e discriminação.

Tenhamos sempre em mente as lições imorredouras do Nosso Senhor, garantindo a perfeita harmonia dos gêneros, como espíritos imortais, em evolução maior para uma vida plena em completude e em sentimento por excelência, que é o amor.

O poeta francês e escrito Victor Hugo, em seu poema "O Homem e A Mulher", diz: "o homem é um código, a mulher é um Evangelho", enaltecendo a exemplificação do amor no coração feminino e, por fim, encerra, "o homem está colocado onde termina a terra, a mulher, onde termina o céu".

O céu representa o estado de espírito vivificado no amor e, como a poesia de Drummond, "Além do amor, não há nada, amar é o sumo da vida". Assim, vejo a mulher atual quebrando paradigmas, com as mãos de Marta, mas empregando o amor, com o coração de Maria.

EUZA MISSANO*

*EXPOSITORA ESPÍRITA, INTEGRANTE DO NEPE BITTENCOURT SAMPAIO E DA ALEESE ACADEMIA DE LETRAS ESPÍRITAS DE SERGIPE.

A mulher e seu papel no Espiritismo

Equipe de Coordenação Mediunidade da FEES



Pequeno trecho do poema intitulado O Homem e a Mulher, que num momento de grande inspiração, o poeta francês Víctor Hugo escreveu: “O homem é o cérebro; a mulher, o coração. O cérebro produz a luz; o coração produz amor. A luz fecunda; o amor ressuscita”.

Em O Livro dos Espíritos, na pergunta 822, Kardec indagou: “Sendo iguais perante a lei de Deus, devem os homens ser iguais também perante as leis humanas? A espiritualidade assim respondeu: “A lei humana, para ser equitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher. Todo privilégio a um ou a outro concedido é contrário à justiça. A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização”.

E não foi por acaso que, no final do século XIX, organizações femininas oriundas de movimentos operários protestavam em vários países da Europa e nos Estados Unidos. As jornadas de trabalho de aproximadamente 15 horas diárias e os salários medíocres introduzidos pela Revolução Industrial levaram as mulheres a greves para reivindicarem melhores condições de trabalho e o fim do trabalho infantil, comum nas fábricas durante o período.

Com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), eclodiram ainda mais protestos em todo o mundo. Mas foi em 8 de março de 1917, quando aproximadamente 90 mil operárias manifestaram-se contra o Czar Nicolau II, as más condições de trabalho, a fome e a participação russa na guerra - em um protesto conhecido como “Pão e Paz” - que a data se consagrou. Contudo, somente 4 anos depois, em 1921, a data foi oficializada como Dia Internacional da Mulher.

Todavia, quando o objetivo é a conquista do direito da igualdade, esta somente será conquistada a partir de uma consciência maior de toda a sociedade. Como enfatiza a ONU Mulheres Brasil, criada para unir, fortalecer e ampliar os esforços mundiais em defesa dos direitos humanos das mulheres: “As mulheres e meninas ao redor do mundo têm o direito a uma vida livre de discriminação, violência e pobreza, e de que a igualdade de gênero é um requisito central para se alcançar o desenvolvimento”.



Visualizando a mulher do ponto de vista espiritual, há de se compreender que, além do corpo feminino, existe um espírito imortal que agrega experiências como resultado de suas múltiplas reencarnações, tanto como homem, quanto como mulher. E nessa caminhada evolutiva, os princípios de igualdade e respeito podem ser aplicados em qualquer tempo e para qualquer papel que se experimente, exemplo maior para que homens e mulheres vivam em maior harmonia. Afinal, a cada nova experiência que se vivencia, novos conhecimentos e aprendizados são adquiridos, como bem ensina a Doutrina Espírita.

Ao comentar a questão 202 de O Livro dos Espíritos, Kardec afirmou: “Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona provações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem encarnasse só saberia o que sabem os homens” (75ª edição FEB, 1994, p. 135).

A necessidade de o espírito encarnar ora em corpo masculino, ora em corpo feminino tem a finalidade de avançar na senda do progresso rumo a Deus, mesmo porque não se deve perder de vista o especial papel do espírito encarnado como mulher, tal como o registrou Léon Denis: “O papel da mulher é imenso na vida dos povos. Irmã, esposa ou mãe, é a grande consoladora e a carinhosa conselheira. Pelo filho, é seu o porvir e prepara o homem futuro. Por isso, as sociedades que a deprimem deprimem-se a si mesmas. A mulher respeitada, honrada, de entendimento esclarecido, é que faz a família forte e a sociedade grande, moral, unida! (O Problema do Ser, do Destino e da Dor, 23ª edição FEB, 2000, p. 178).

Também, não pode ser olvidado o fato de que, à mulher, incumbe a realização de tarefas deveras especiais, a começar pela educação de seus filhos desde a infância, sendo importante lembrar a questão 821 de O Livro dos Espíritos: “As funções a que a mulher é destinada pela Natureza terão importância tão grande quanto às deferidas ao homem?” A resposta é eficaz ao lembrar: “Sim, maior até. É ela quem lhe dá as primeiras noções da vida”.

Hoje, mais do que ontem, as mulheres, em considerável número, passaram a trabalhar dentro e fora de casa, em jornada dupla, com ônus dobrado a toda a evidência, mas, nem por isso, ficaram liberadas de seu compromisso maior: preparar o homem (ser humano) futuro, sobretudo se considerar que “Deus apropriou a organização de cada ser às funções que lhe cumpre desempenhar.

Tendo dado à mulher menor força física, deu-lhe ao mesmo tempo maior sensibilidade, em relação com a delicadeza das funções maternas e com a fraqueza dos seres confiados aos seus cuidados” (comentário pessoal de Allan Kardec sobre a questão 820 de O Livro dos Espíritos, edição citada, p. 380 e 381).

Março é o mês da mulher e, por isso mesmo, nada mais justo de que enaltecer a importância deste ser feminino na construção da Doutrina Espírita, merecendo destacar aquelas dentre inúmeras outras que contribuíram sobremaneira para o engrandecimento do Espiritismo, a saber:

As Irmãs Fox foram três mulheres que tiveram um grande papel no início das manifestações espiritualistas nos Estados Unidos da América. Eram elas: Katherine "Kate" Fox (1837–1892), Leah Fox (1814–1890) e Margaret "Maggie" Fox (1833–1893). Fizeram sucesso por muitos anos como médiuns que diziam possibilitar espíritos a se manifestarem por batidas, arranhões e pancadas nos móveis e paredes de sua residência.

A Sra. Plainemaison foi uma das primeiras mulheres que abriu suas portas para as sessões das mesas girantes, em Paris. Ela recebia as reuniões gratuitamente, ao contrário da prática na época, permitindo que os fenômenos espirituais fossem estudados. Foi na residência dela que o conhecido professor Hippolyte Léon Denizard Rivail (Allan Kardec) presenciou, pela primeira vez, os fenômenos tão falados na sociedade parisiense e decidiu estudá-los a fundo, dando início a Doutrina Espírita.

Amélie-Gabrielle Boudet foi uma professora e artista plástica francesa. Esposa de Allan Kardec, codificador da Doutrina Espírita, além de ser uma das maiores incentivadoras do trabalho de Codificação e difusão do Espiritismo colaborou com os estudos de Kardec, mesmo após o falecimento dele, oportunidade em que assumiu todos os encargos necessários à gestão do Espiritismo, na França e no mundo.

Aline Carlotti, médium de psicografia e psicofonia, foi quem serviu de intermediária para que o Espírito de Verdade confirmasse ao professor Rivail (Allan Kardec) que ele tinha uma missão importante a realizar com o seu trabalho de codificação dos ensinamentos dos espíritos.

Ermance De La Jonchére Dufaux, nascida em 1841, em França, foi uma das representantes femininas que contribuíram com a Codificação da Doutrina Espírita.

Aos 12 anos foi diagnosticada portadora de distúrbios nervosos, que fazia-a entrar em uma espécie de transe histórico e a receber hipotéticas mensagens do Além - uma expressão da sua ostensiva mediunidade. A família Dufaux conheceu Allan Kardec em 1857 e desde então os laços entre os dois se estreitaram. Ermance se tornou a principal médium das reuniões domésticas de Kardec.

As irmãs Julie Baudin e Caroline Baudin foram jovens médiuns que contribuíram com Allan Kardec na codificação do Espiritismo. Em agosto de 1855, Kardec iniciou seu estudo sistemático das comunicações espíritas, na casa do Sr. Baudin, pai das jovens. As meninas psicografaram quase todas as questões que foram publicadas na primeira edição de O Livro dos Espíritos em 1857. Durante muito tempo, a identidade das irmãs foi mantida em segredo por muitos anos, por isso sabe-se pouco sobre elas.

Yvonne do Amaral Pereira foi uma notável médium espírita brasileira. Sempre fiel aos conceitos kardecistas, dedicou parte de sua vida, além da obra literária, ao trabalho de socorro espiritual, através da desobsessão, e receituário mediúnico homeopático. Também é autora psicógrafa de muitos livros, tais como Memórias de um Suicida, ditado pelo Espírito Camilo Cândido Botelho; e Ressurreição e Vida, ditado pelo Espírito Leon Tolstoi.

Zilda Gama foi uma das mais celebradas médiuns do Brasil, considerada uma antecessora de Francisco Candido Xavier. Ainda jovem, começou a perceber a presença dos Espíritos: recebeu mediunicamente mensagens de seu pai e de sua irmã, já desencarnados, que a aconselhavam e a consolavam nos momentos de provações difíceis. Em 1912, recebeu interessante mensagem assinada por Allan Kardec, que começou então a propiciar-lhe diversos ensinamentos, os quais foram impressos no livro Diário dos Invisíveis. Desde então, passou a psicografar variadas obras, sobretudo por influência do espírito Victor Hugo. Destacam-se entre suas obras Na Sombra e na Luz; Do Calvário ao Infinito; Redenção; Dor Suprema; e Almas Crucificadas.

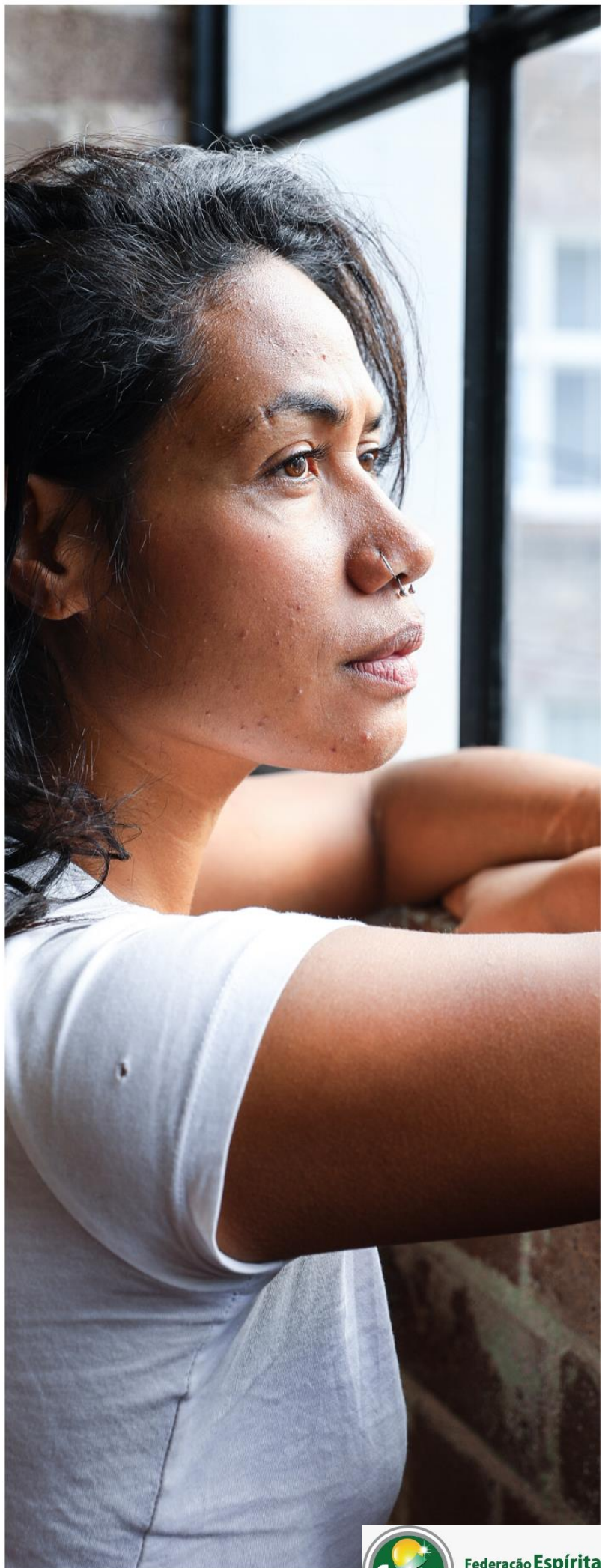
Amélia Augusta do Sacramento Rodrigues foi uma educadora, escritora, teatróloga e poetisa baiana, que deixou um grande legado literário e cultural à História da Bahia. Após o seu desencarne, o espírito de Amélia Rodrigues prosseguiu a sua obra no plano espiritual participando da falange de Joanna de Ângelis, mentora de Divaldo Pereira Franco. Carinhosamente chamada de Poetisa da Boa Nova, entre suas obras destacam-se os livros Primícias do Reino, Quando voltar a Primavera, Há flores no caminho e Vivendo com Jesus.

Concluindo, torna-se importante lembrar a primeira estrofe do lindo poema de autoria da nossa irmã espírita Telma Maria Santos Machado, que traz o título: Equidade, abre as asas sobre nós.

*Vamos voar juntos.
Só o céu é o limite
Se o respeito nos trazer
Equidade e um olhar
Que nos fale de esperança,
De um novo amanhecer
Em que o gênero não divide
Não define, não oprime,
Por se nascer mulher.*

Fontes de pesquisa:
Blog Mundo Maior;

Mundo Espírita, Órgão de Divulgação da Federação Espírita do Paraná;
Mundo Espírita e Espiritismo em Movimento.





**Federação Espírita
do Estado de Sergipe**